

Saneamento básico: uma pauta essencial, universal e civilizatória



» CHRISTIANNE DIAS
Diretora-executiva da
Associação e Sindicato Nacional
das Concessionárias Privadas
de Serviços Públicos de Água e
Esgoto (ABCON SINDCON)

Em poucos anos, vamos universalizar o acesso à água e esgotamento sanitário no Brasil. Mas em 2025, 35 milhões de brasileiros ainda vivem sem acesso à água potável e 100 milhões sem coleta de esgoto. São dados estarrecedores de um país que prevê em sua Constituição a garantia ao direito à saúde, à moradia, ao meio ambiente equilibrado e à dignidade.

Mesmo com os avanços incontestáveis dos últimos anos, o retrato da desigualdade do nosso país ainda é chocante. A universalização do saneamento básico não pode ser vista meramente como uma política pública desejável. Ela é a concretização de direitos fundamentais e está intrinsecamente ligada à dignidade do brasileiro, fundamento da nossa ordem constitucional. Às vésperas de mais um ano eleitoral, é essencial observar as propostas dos candidatos para o setor de saneamento, que finalmente vem conquistando relevância compatível com sua importância, após décadas de negligência.

Levantamento do Panorama 2025 da participação privada do Saneamento, realizado pela ABCON SINDCON, revela que de 2019 a 2023, mais de 6,3 milhões de novos domicílios passaram a contar com abastecimento de água

pela rede geral no Brasil, o que representa um crescimento de 10,4%. Em 2023, 85,9% das residências brasileiras estavam conectadas à rede de água. O esgotamento sanitário também avançou: o número de domicílios atendidos cresceu 12,9% no mesmo período, alcançando 69,9% dos lares brasileiros em 2023.

Desde a aprovação do novo marco legal, em 2020, 19,1 bilhões de m³ de esgoto foram tratados no país. Esse grande volume de efluentes, quando corretamente tratado, retorna limpo aos rios, lagos e mares, ajudando a recuperar a qualidade da água e a saúde dos ecossistemas. Mas é preciso avançarmos mais. Segundo a Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA), mais de 110 mil km de rios brasileiros ainda têm a qualidade da água comprometida pelo excesso de carga orgânica — consequência direta da ausência no tratamento de esgoto.

A falta de saneamento básico impacta gravemente a saúde pública ao aumentar a incidência de doenças como diarreia, esquistossomose, hepatite A e leptospirose, resultando em mais hospitalizações, mortes evitáveis e sobrecarga do Sistema Único de Saúde (SUS). A falta de saneamento também afeta o desenvolvimento infantil, o desempenho escolar e a capacidade de trabalho da população mais carente, agravando desigualdades sociais.

O saneamento básico é essencial ao desenvolvimento humano, social e econômico. É básico. Essa, portanto, não é uma pauta setorial, mas universal e civilizatória. Sancionado em 2020, o marco legal do saneamento representou uma verdadeira inflexão histórica, ao acelerar os investimentos que hoje vemos em curso por todas as regiões do país.

O Brasil tem metas ousadas e necessárias de universalização de 99% da população com abastecimento de água e 90% com coleta e tratamento de esgoto até 2033. Para tanto, redesenhou o arranjo regulatório, reforçando o papel do Estado, mas também abrindo um relevante espaço para a iniciativa privada como parceira indispensável. O Panorama 2025 revela que 3.814 municípios brasileiros, ou seja, 68% do total, já têm contratos privados que garantem a futura universalização dos serviços de saneamento.

Em cinco anos, 60 leilões já foram realizados em 20 estados, abrangendo 1.556 municípios e beneficiando mais de 74 milhões de pessoas. Num horizonte próximo já estão previstos mais seis leilões, incluindo as regiões Norte e Nordeste, historicamente as mais deficitárias.

Feitos os leilões, os desafios ainda são enormes, como, por exemplo, executar o investimento já contratado de R\$ 181 bilhões. É preciso assegurar caminhos para um financiamento acessível e sustentável para expandir e manter as redes, sem onerar os usuários ou atrasar a execução dos compromissos assumidos.

Por trás de cada estação de tratamento inaugurada, de cada rede de esgoto implantada, de cada ligação domiciliar realizada, há histórias de vidas transformadas. É a mãe que terá água limpa para preparar o alimento dos filhos. É o pai que conseguiu emprego graças às obras do setor. É a criança que não mais faltará às aulas por doenças oportunistas. E é o idoso que viverá com mais dignidade. Ou seja, não precisa nem sair de casa para perceber que o investimento em saneamento básico já se mostra capaz de mudar histórias e de transformar um país inteiro para melhor.

Do papel à palma da mão



» ARNALDO NISKIER
Membro Academia Brasileira de Letras

Como presidente da Comissão de Lexicologia e Lexicografia da Academia Brasileira de Letras, tenho bons motivos para comemorar. O setor conta hoje com uma rica gama de publicações, levadas a efeito dentro dos princípios mais modernos da lexicografia.

Começo falando do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, o Volp da ABL, obra que faz o registro da grafia oficial das palavras da língua portuguesa, com especial atenção a sua vertente brasileira, continuamente atualizada com base em extenso corpus de textos nacionais escritos em língua-padrão e nos avanços tecnológicos da análise e processamento de informações. Convém recordar certas particularidades de sua primeira edição, lançada em 1981, como destaquei na Apresentação da segunda edição, de 1998:

“Os seus 350 mil verbetes [...] foram abrigados em livros de excelente padrão gráfico, a partir de uma conversa mantida em Teresópolis (RJ), inspirada pelo inesquecível médico Noel Nutels, que me apresentou ao acadêmico Antônio Houaiss. Com o seu jeito expansivo, reclamou que nenhuma editora havia até então se interessado pelo ‘trabalho patriótico’ de Houaiss.

“De imediato, ofereci os préstimos de Bloch Editores e assim, em 1981, foi possível lançar a primeira edição do Volp, muito bem cuidada pelo zelo gráfico de Adolpho Bloch, que me disse com o seu jeito característico: ‘Vou colocar no Vocabulário o melhor papel do mundo, um bíblia alemão que deixará saudades.’ E assim foram feitos 20 mil exemplares, rapidamente esgotados pelo ineditismo da obra.”

Passou-se o tempo e lançamos duas novas edições, a de 1998 e outra em 1999, durante minha gestão como presidente da Academia Brasileira de Letras. Seguiram-se outras, em 2004 e 2009, até que em 2021 lançamos a primeira edição exclusivamente digital, disponível no site da ABL, fruto dos esforços da equipe de Lexicografia e da equipe de Tecnologia da Informação da Casa.

Agora, ao lado dos Acadêmicos da Comissão de Lexicologia e Lexicografia, Antonio Carlos Secchin, Ricardo Cavaliere e Carlos Nejar, celebro também o sucesso do novo aplicativo digital do Volp, onze anos após o lançamento de sua primeira versão, em 2014. Até o momento, o novo app já teve 190 mil downloads para celulares iOS e 24,5 mil para Android. O aplicativo é gratuito e, para acessá-lo, não é preciso cadastro. Podemos dizer que o Volp está hoje na palma da mão.

Além das 380 mil palavras que compõem a base do Volp e podem ser consultadas pelo celular, tablet ou computador, o site da ABL apresenta, na seção Nossa Língua, outras obras de referência coordenadas pela nossa Comissão:

Vocabulário de Topônimos e Gentílicos — obra digital, inicialmente com 7.408 entradas, que reúne os nomes próprios designativos de lugares e seus respectivos gentílicos, isto é, o nome que indica a nacionalidade ou a naturalidade de alguém.

Com este Vocabulário, o público pode dirimir dúvidas relativas à grafia dos nomes de continentes, países, territórios, capitais e principais cidades do mundo, estados e capitais do Brasil, além de mais de cinco mil municípios brasileiros, conforme as normas que regem nosso sistema ortográfico. Consultando a obra, os que não sabem descobrião, por exemplo, que quem nasce em La Paz, sede do Governo da Bolívia, é pacenho. Mas a capital constitucional do país é Sucre, que tem como gentílico sucrense.

Trata-se de um desdobramento do *Vocabulário Onomástico da Língua Portuguesa*, obra impressa — já esgotada — lançada pela ABL em 1999, quando fui presidente da Casa, em cumprimento à Lei 5.765 de 1971.

Vocabulário de Estrangeirismos — base de pesquisa lexical que abrange os vocábulos e expressões de origem estrangeira correntemente empregados em textos escritos no Brasil, com a grafia da língua de que provêm. Útil aos consulentes que desejam saber como se escrevem termos como cashback, cooler e voucher, provindos do inglês, sudoku e anime, do japonês, ou leitmotiv, do alemão.

ABL Responde — serviço de consultoria linguística que atende atualmente a 500 questionamentos mensais sobre língua portuguesa, enviados de todas as regiões do Brasil. O *ABL Responde*, implementado em 2007, já solucionou mais de 220.000 dúvidas desde a sua criação.

Dicionário da Língua Portuguesa (DLP-ABL) — dicionário on-line de acesso livre e gratuito. O DLP apresenta verbetes completos, enriquecidos com exemplos de uso de grandes nomes da literatura brasileira. Lançado em 2021, o dicionário é diariamente atualizado com novas entradas e contará no futuro com 200 mil itens.

Novas Palavras — compilação de neologismos, iniciada em 2020, que apresenta, nas redes sociais e no site da ABL, verbetes completos — com definição, classe gramatical e exemplos de uso — de palavras e expressões novas do português do Brasil que passaram a ter uso em textos escritos em língua-padrão nos últimos anos. Entre os 152 verbetes publicados até a presente data, figuram: criptomoeda, grafeno, mocumentário, pós-verdade, subcelebridade, gentrificacão, capacitismo, nato-digital, logar e empoederamento. Trata-se de termos encontrados em jornais, livros, artigos, teses e dissertações de todo o país.

Observatório Lexical — projeto que relaciona palavras ou expressões novas da língua portuguesa que passaram a ocorrer com relativa frequência em textos escritos em norma-padrão do Brasil. Trata-se de uma primeira etapa de possível registro no Volp, em que se faz o estudo e pesquisa do vocábulo, de sua origem e formação, classificação gramatical, grau de circulação no âmbito da língua funcional, diversidade e tipos de fontes em que ocorre, alcance geográfico e significados. A presença de uma palavra neste rol é transitória e, apesar de não indicar obrigatoriamente registro futuro na seção Novas Palavras, no Volp ou no DLP, reflete a riqueza da língua como instrumento de comunicação do nosso povo.

Desafio Ortográfico — atividade on-line lúdica e educativa, desenvolvida para que o público possa fixar a grafia oficial das palavras, especialmente aquelas modificadas pelo *Acordo Ortográfico* de 1990, conforme estão registradas no Volp. O *Desafio* está disponível no site da Academia e é atualizado regularmente.

Acreditamos que a iniciativa de trazer à luz estas publicações presta bom serviço a professores, alunos e leigos interessados nestes gêneros de estudos e estreita ainda mais o vínculo do público com esta Casa de cultura.

Mulheres na Reforma Protestante



» DENISE SANTANA
Teóloga, doutora em teologia,
historiadora e jornalista

Elas foram apagadas da história do cristianismo e colocadas em segundo plano. Muitas vezes as mulheres aparecem na historiografia ao lado dos nomes dos homens sendo mencionadas como as esposas dos pastores, as amantes do rei ou as filhas bastardas dos papas. Nem sempre são citados os nomes e o trabalho que as mulheres fizeram para a igreja cristã. No dia 31 de outubro de 2025 a Reforma Protestante completa 508 anos sendo preciso repensar o papel das mulheres nesse processo histórico importante.

É necessário desfazer mitos sobre a participação das mulheres na Reforma. Afirma-se que não se escreveu sobre as mulheres porque elas não se ocupavam de assuntos religiosos, mas essa informação é falsa. Elas se interessavam pela igreja cristã e existiram mulheres dedicadas à pesquisa, estudo e escritos na área da religião. Elas aceitaram a salvação somente pela fé, pregada por Martinho Lutero, debateram e escreveram sobre doutrinas cristãs. Elas defenderam as ideias reformistas, também amavam teologia como os homens, mas não são mencionadas na história porque não tinham importância na época. A discriminação social também teve reflexos dentro da igreja. Destaque para nomes como Catarina von Bora, Árgula Von

Grumbach, Vittoria Colonna, Olympia Morata, Margarida de Navarra, Idelete D’Bures, Anna Heinhard, Renée de Este, Margaret Blaarer, Catarina Parr, entre outras.

Na Europa do século 16, o papel feminino era cuidar do lar e os homens ricos estudavam. As mulheres deveriam possuir as qualidades como silêncio, castidade, obediência ao marido e amor aos filhos. Não tinham destaques por si mesmas e nem voz pública. A admoestação social e religiosa era para estarem caladas, de acordo com a interpretação que faziam 1 Timóteo 2.12.

Era desafiador o ambiente religioso para as mulheres. Mesmo assim, elas estudaram nos conventos, escreveram e se posicionaram. Um exemplo de mulher que não se calou foi a abadessa de um convento agostiniano chamada Marie Dentière (1495-1561) que defendia a Reforma e o direito das mulheres estudarem a Bíblia. Entendia que o sacerdócio universal de todos os crentes incluía as mulheres. Se elas tivessem acesso à Bíblia, poderiam interpretar e pregar a mensagem da salvação. Naquele tempo a interpretação da Bíblia cabia às autoridades eclesásticas masculinas. Marie acreditava que o caminho para as mulheres buscarem sua identidade era por meio do conhecimento das Escrituras Sagradas. Foi autora de quatro obras importantes como a primeira gramática escrita em francês e o prefácio de um sermão de João Calvino sobre roupas femininas.

Marie dizia que as mulheres tinham recebido graça de Deus e não deveriam hesitar em escrever e falar umas às outras por causa dos difamadores. Pregava que seria muito audacioso tentar deter os homens que difamavam as

mulheres, mas também seria insensato esconder o talento dado por Deus à elas. Marie desafiou as regras de seu tempo e escreveu textos questionando se Jesus Cristo não teria morrido também pelos pobres iletrados e pelos tolos tanto quanto pelos homens cultos como os clérigos. Perguntava se o Evangelho deveria ser pregado somente aos senhores sábios e grandes doutores ou a todos, incluindo as mulheres também. Questionava se existiam duas mensagens bíblicas de salvação, uma para homens e outra para mulheres. Também perguntava se existiam uma Bíblia para os eruditos e outra para o povo. Queria saber se todos os cristãos, homens e mulheres, não eram um em Deus.

Em seus escritos sobre o papel feminino, Marie disse que as Escrituras estavam escondidas das mulheres e que ninguém falava sobre esse assunto passando a impressão de que elas não deveriam ler a Bíblia. Disse ainda que as mulheres não deveriam ser tão menosprezadas. Marie foi vítima de censura por parte do protestantismo. Como ela não se calou, irritou os reformadores de Genebra, na Suíça, que a consideraram uma má conselheira para Antonie Froment, seu segundo marido. O primeiro marido dela foi Simon Robert com quem teve filhos.

Em 3 de novembro de 2002, Marie foi reconhecida por sua contribuição para a história e a teologia. Teve seu nome gravado no Muro dos Reformadores, em Genebra. Nesse monumento, que é um memorial com as estátuas e nomes gravados em placas (estelas), há citações a, entre outros, John Wyclif, John Huss, João Calvino, Guilherme Farel, Teodoro de Beza, John Knox e Ulrico Zwinglio.